



CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ – FAG
MARCELO LOPES DA ROCHA

**LITERATURA E TEOLOGIA: UM DIÁLOGO EM “A HORA E A VEZ DE
AUGUSTO MATRAGA”**

CASCADEL, PR
2021

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ – FAG
MARCELO LOPES DA ROCHA

**LITERATURA E TEOLOGIA: UM DIÁLOGO EM “A HORA E A VEZ DE
AUGUSTO MATRAGA”**

Artigo apresentado no Curso de Letras
como requisito fundamental para a
aquisição do título de licenciado em Letras
pelo Centro Universitário Assis Gurgacz –
FAG.

**Professora Orientadora: Suzana Ceccato
Casagrande**

LITERATURA E TEOLOGIA: UM DIÁLOGO EM “A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA”

**ROCHA, Marcelo Lopes¹
CASAGRANDE, Suzana Ceccato²**

RESUMO: A hora e a vez de Augusto Matraga é um conto publicado por João Guimarães Rosa, em seu livro *Sagarana*. O trabalho dar-se-á como objetivo de dialogar entre duas ciências: Literatura e Teologia. Por muito tempo, tais ciências foram foco de indagações, principalmente a ciência da Teologia, já a Literatura é entendida como uma forma de arte que é reproduzida com palavras e que tem como definições questões culturais, sociais, entre diversas outras. A partir do século XX, houve a precisão de diálogo entre as ciências – Literatura e Teologia, por conta da obra de referência para o pensamento cristão, a Bíblia, a qual é utilizada e composta por seis livros poéticos. Cerca de 30 anos depois de Cristo, até 300 depois de seu nascimento, foi marcada como época da “Era Apostólica”, ou “Igreja Primitiva”, formada pelos primeiros apóstolos, Pedro, João e Tiago. Os ensinamentos feitos pela religião têm como principal “fundador”, Jesus Cristo, reverenciado pela maior instituição política e religiosa do surgimento até os dias atuais da civilização romana, que é Igreja Apostólica Romana, ou Apostólica Cristã. A Teologia chegou à América há muito tempo, e no Brasil desde o período Colonial, com os jesuítas. A perspectiva do presente trabalho consiste em um diálogo entre a obra “A hora e a vez de Augusto Matraga”, de João Guimarães Rosa, e a Teologia cristã, buscando argumentos bíblicos na visão teocêntrica e literária.

Palavras-Chave: Literatura; Religião; Diálogo.

LITERATURE AND THEOLOGY. A DIALOGUE IN TIME AND IN TURN OF AUGUSTO MATRAGA

ABSTRACT: Augusto Matraga's Hour and Turn is a short story published by João Guimarães Rosa, in his book *Sagarana*. The work will be given as an objective to dialogue between two sciences: Literature and Theology, or Literature and Religion. For a long time such sciences were the focus of inquiries, especially the science of Theology. Having then a literature as art that is reproduced with words and that has cultural and social issues, among many others. With the arrival and from the 20th century, there was a need for dialogue between the sciences – Literature and Theology, due to the most beautiful book in the world, the Bible, which is used and composed of six poetic books. About 30 years after Christ, until 300 after Christ, it was marked as the time of the “Apostolic Age”, or “Primitive Church”, formed by the first apostles, Peter, John and James. The teachings made by religion, has as its main “founder”, Jesus

¹ Aluno do curso de graduação em Letras Português e Inglês, Centro Universitário Assis Gurgacz, 8º período. marcelolopesdarocha@hotmail.com

² Mestrado em Letras – Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil (2006); Coordenadora do Programa Pibid do Centro Universitário Assis Gurgacz. suzana.ceccato@gmail.com

Christ, adored by the greatest political and religious institution from the rise to the present day of Roman civilization, which is the Roman Apostolic Church, or Christian Apostolic. Theology arrived in America a long time ago, and in Brazil since the Colonial period, with the Jesuits easily convincing whoever was here, since they did not have the capacity to know the true intentions of the dominant religious present. The perspectives of the present work, is a conversation of the Work “A hora e a vez of Augusto Matraga and Theology, seeking biblical arguments in the theocentric and literary view.

KEYWORDS: Literature; Religion; Dialogue.

1 INTRODUÇÃO

Desde a sua estreia no universo literário, no ano de 1946, Guimarães Rosa tem ocupado um lugar de destaque pela magnitude de sua obra e por temas tão diversos como também de uma originalidade ímpar. O sertão brasileiro toma um espaço central em suas narrativas. Esse mesmo sertão já havia sido palco de olhares atentos da literatura brasileira, como no regionalismo romântico, por exemplo. Porém, o enfoque conferido por Guimarães Rosa diferencia a sua obra de tudo o que já se produziu na literatura nacional.

Engana-se quem imagina, sem conhecer a obra deste escritor, que a sua literatura resta restrita aos estereótipos regionais. Ao mesmo tempo em que as obras rosianas revelam a riqueza de detalhes da cultura, dos costumes, da religiosidade do homem do sertão, as narrativas conseguem transcender o âmbito regional e ganham uma dimensão universal. Essa mesma universalidade conferem a atemporalidade necessária a uma obra destinada a ser clássica.

De toda esta obra, destaca-se, para a elaboração do presente artigo, a última novela da obra Sagarana, cujo título é “A hora e a vez de Augusto Matraga”. A problematização desta análise parte do caráter místico/religioso notadamente presente na obra e que se coaduna com outra característica comum nas obras de Rosa: a violência, o coronelismo, que imperaram durante um extenso tempo da formação de nossa nação.

Parte-se da hipótese de que a obra de Guimarães Rosa, mesmo que de forma ficcional, desnuda traços singulares de um Brasil dividido entre a

ganância da disputa por terras e poder ao mesmo tempo em que convive com toda a mística cristã introduzida pela moral jesuítica. Neste sentido, o que se busca no presente artigo é desvelar esses traços paradoxais que configuram a cultura do sertão rosiano.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por muito tempo, os estudos bíblicos foram foco de pesquisas, reflexões e críticas literárias, deixando claro que a obra de referência para o pensamento cristão, como outros livros, é objeto de interpretação. A partir do século XX, algumas correntes literárias não descartaram o diálogo entre ambas ciências – Literatura e Teologia, com a devida precisão de tal obra. Com isso, o discurso teológico há muito ignora a literatura, questionando o envolvimento da religião, demonstrando lugar somente para questionamentos filosóficos.

Para Dr. Antonio Gouvêa Mendonça,

A situação marginal da teologia na cultura brasileira tem suas raízes em circunstâncias externas e internas. Circunstâncias externas podem ser entendidas como as dificuldades da difusão da cultura no período colonial, desde a proibição da imprensa e da importação de livros, passando pelo impedimento da criação de escolas superiores. As internas residem no peso que o positivismo representou na cultura brasileira durante todo o século 19. (MENDONÇA, 2005, p. 8).

A Igreja Católica obteve papel fundamental na catequização dos indígenas no continente americano, no século XV, no período das Grandes Navegações. Com a chegada dos Jesuítas às terras brasileiras, juntamente com os colonizadores europeus, no ano de 1500, marcou a “miscigenação” religiosa, com as novidades trazidas sobre a fé e a religião.

Com base nesses dados, este trabalho evidenciará linhas interdisciplinares entre as ciências teológicas com a literatura em meio ao tema religião. As perspectivas deste trabalho giram em torno do diálogo entre a obra “A hora e a vez de Augusto Matraga” de Guimarães Rosa, e a Bíblia Sagrada,

buscando argumentos bíblicos na visão teocêntrica e literária, para compreender releituras e aspectos comparativos.

Nas palavras de Núbia (2012, p.4), “tanto na poesia como nas narrativas quetram de temas religiosos, é verificado que o ‘homem’ convive com as dualidades existenciais em sua vida: céu e terra, paraíso e inferno, vida e morte”. O grande questionamento é a existência ou não de tais lugares.

Mesmo sendo contextos distintos, as referências aos textos religiosos e literários sempre apontará para uma essência em comum. Tais textos responsabilizam-se por revelar entendimento ao homem a respeito do seu eu. Ao longo da história, a palavra religiosa e a poética se confundem.

É sabido que nomes são fios condutores que ligam o abstrato ao concreto, atestando tangibilidade a ideias e conceitos, corporificando identidades, trazendo ao real o que se mostra difuso no pensamento. Outro é o sentido e as consequências de destituir-se das propriedades das palavras, ação que confirma a negação das origens e perda da singularidade e posses concedidos pelo nome.

Andrade (2002) afirma que a fase contemporânea trouxe uma dimensão da fé com a teatralidade da experiência religiosa, o que no Brasil acontece até mesmo nos dias de hoje. Já com a literatura, independe-se da teologia, que é vista como pagã ou ateia. Importa-se o desenvolvimento das duas ciências com a possibilidade de ver o homem a partir do seu ambiente, escolhas, ânsias, medos e mesmo negando a existência, ao ser superior.

Por isso, o contexto de “A hora e a vez de Augusto Matraga” possibilitará este estudo, sendo de cunho fictício e uma narrativa que dialoga com mitos cristãos, imaginário, e rituais litúrgicos, com participação de personagem em estado transcendente com redenção depois de uma vida cheia de pecados.

3 RELIGIÃO EM “A HORA E A VEZ DE AUGUSTO MATRAGA”

Tem-se a teologia como mediadora dos estudos de Deus na filosofia. Percebe-se, então, que as duas áreas podem servir para reforço ou

descobertas sobre assuntos diversos sobre a religião. A Bíblia, como mira da literatura em termos de leitura e pesquisa, é alvo de reflexões dos personagens bíblicos mediante seus escritos.

A *teopoética* permeia a relação entre literatura e teologia conscientemente sobre cada um representa. Se a literatura se faz independente da teologia, pode ser vista como uma ciência pagã, atea, sem confirmar nenhuma religião, nenhuma crença, e que também pode nenhuma negação a Deus. Com isso, há possibilidades entres essas duas ciências ver o homem diante do seu ambiente, escolhas, medos e ansiedades, mesmo negando um ser superior, necessita estar próximo.

Guimarães Rosa continha admiração pelo sincretismo religioso, tinha a consciência de que no meio sertanejo existia conciliação nas atitudes dos valores em amalgamação de religiões oficiais com misticismos, superstições, com o sertanejo respeitando a escolhade cada um. Pode-se dizer que o sertão, mesmo contendo cenário de violências, constitui o projeto e olhar de Guimarães Rosa, valores dessa sociedade rural jamais vistos por outras sociedades (NUBIA, 2012).

4 O HOMEM E O MAL

“Matraga não é Matraga, não é nada. Matraga é Estêves. Augusto Estêves, filho do Coronel AfonsoEstêves, das Pindaíbas e do Saco-do-Embira. Ou Nhô Augusto, o homem” (ROSA, 2015, p. 279) – estas são as palavras iniciais que Rosa usa para descrever o personagem principal.

Augusto Estêves é filho herdeiro do Coronel AfonsoEstêves; Nhô Augusto é reconhecido pelo poder e arbitrariedade, destemido e temido do sertão, fazia questão de mostrar-se como valentão, pouco se importando com sua família; perito em retirar mulher dos outros, pronto para brigar e debochar; devedor desmandado e sem temor algum.

“O cavalo de Nhô Augusto obedeceu para diante; as ferraduras tiniram e deram fogo no lajedo; e o cavaleiro, em pé nos estribos, trouxe a taca no ar,

querendo a figura do velho” (ROSA, 2015, p.288). Entende-se que ele, o protagonista, malfeitor, ruim, mulhereengo, necessitará de fases para conseguir alcançar a salvação: vilão, ferido quase morto, socorrido, cuidado, transformado em um “novo homem” e por fim herói.

Guimarães Rosa faz uma releitura entre o bem e o mal de forma muito clara. Ele relata o que aconteceu com Nhô Augusto, quando chega para “acertar” as contas:

Já os porretes caíam em cima do cavaleiro, que nem pinotes de matrinhãs na rede. Pauladas na cabeça, nos ombros, nas coxas. Nhô Augusto desdeu o corpo e caiu. Ainda se ajoelhou em terra, querendo firmar-se nas mãos, mas isso só lhe serviu para poder ver as caras horríveis dos seus próprios bate-paus, e, no meio deles, o capiauzinho mongo que amava a mulher-à-toa Sariema (ROSA, 2015, p.288).

Pode-se comparar com a história de Jó, com algumas certas diferenças: Nhô Augusto perdeu tudo, foi espancado, perdera esposa e filha, por falhas com todos os que faziam parte de sua vida como patrão, esposo e pai. Jó, porém, perdeu tudo por interferência de Satanás quando queria colocar Jó contra Deus, mas não conseguiu, “Na terra não há outro igual: homem íntegro e reto” (Jó, 2,8).

Diante de tamanho castigo, os jagunços veteranos não se cansavam de espancar, fazendo isso como “pagamento de contas”. Ainda com ferro com a marca do gado do Major, “imprimiram-na com chiado, chamusco e fumaça, na polpa glútea direita...” (ROSA, 2015, p.290). A mistura de valentia e medo, também aparece na fala de um dos capangas: “— Arma uma cruz aqui mesmo, Orósio, para de noite ele não vir puxar teus pés...” (ROSA, 2015, p.290).

5 O HOMEM E O BEM

No relato bíblico dito por Jesus por meio de uma parábola, chamada “O bom samaritano”, percebe-se a diferença entre “poderes”: relata uma história de um judeu que foi saqueado por ladrões que o deixaram como morto, diante

de tal cena, um sacerdote passou por longe, sem ao menos se importar, continha outras prioridades; um levita, que era quem cuidava do templo, fez a mesma coisa que o sacerdote, fingiu que não viu; logo, um samaritano, sem nome, sem poder aquisitivo, visto como mais um ser humano passou, quebrou os protocolos entre judeus e samaritanos, colocou o homem ferido sobre seus ombros e cuidou do mesmo (LUCAS, 10.30-35).

Guimarães Rosa deixa, em seu conto, uma história muito semelhante, “Mas o preto que morava na boca do brejo, quando calculou que os outros já teriam ido embora, saiu do seu esconso, entre as taboas, e subiu aos degraus de mato do pé do barranco” (ROSA, 2015, p.290). O bom samaritano, tinha outra coisa a fazer, o que não está especificado na parábola, assim como o preto passava pelo local representando o homem bom do sertão.

Com o judeu sangrando, ferido, o bom samaritano, derramou azeite em suas feridas e o levou à uma pousada; o preto foi cortar padieiras, enquanto a preta procurava um coto de vela benta. A preta rezava por Nhô Augusto, cuidava como um filho, até que o mesmo lhe chamava de mãe, tendo como resultado a volta da consciência, vendo suas pernas e sentindo as dores das feridas abertas. Mesmo com dor, sofrimento, antes pedindo a morte, agora, escolhe e disse que era melhor viver.

A bíblia traz uma expressão de Jeremias, em que eledescreve: “clama a mim e responder-te-ei...” (JEREMIAS, 33.3), com Nhô Augusto, sua cuidadora pediu para que ele clamasse, rezasse “Reza, que Deus endireita tudo... P’ra tudo Deus dá o jeito!” (ROSA, 2015, p.292). A tristeza e o pranto tomavam conta, trazendo saudade da mulher e da filha, pois sabia que não teria mais o direito de ter a sua família. Com isso, subte-se um resultado do homem mau do passado.

Com a ajuda do casal de ermitões, Augusto passa por uma experiência de remissão de pecados, marcado por choros, desabafos, impotência, insegurança, desolado. Sendo assim, o que lhe resta a fazer, é tentar alcançar o perdão de seus pecados. Toda conta deve ser paga, por isso, para receber o perdão, segundo o padre, deverá primeiro trabalhar e rezar:

Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua (ROSA, 2015, p.292).

Cada um tem a sua hora e a sua vez, disse o padre. Hora e vez de quê? O padre com seu conhecimento teológico, poderia naquele momento ter lembrado o que o bíblico em “Eclesiastes 3.1-4”: “Para tudo há um tempo determinado debaixo do céu: Tempo de nascer, tempo de morrer; tempo de plantar, tempo de colher; tempo de matar, tempo de sanar; tempo de derrubar, tempo de construir; tempo de chorar, tempo de rir”. — “Qualquer paixão me adiverte...” Oh coisa boa a gente andar solto, sem obrigação nenhuma e bem com Deus!...” (ROSA, 2015, p. 310).

6 CADA UM TEM SUA HORA E VEZ

A violência é muito presente no início do conto na vida de Augusto, que o leva na sua penitência, uma luta impossível de esquecer os atos cometidos no passado. Com a mudança desse combate interior para mudança de comportamento, nota-se que sua posição social já não é a mesma, não é mais superior a ninguém, lutando sozinho e com a religião, pelo o objetivo de esquecer e nunca mais voltar a sua vida de desmando e violência.

Ele “tinha pequenas esperanças: de amanhã em diante, o lado de cá vai doer menos, se Deus quiser...” (ROSA, 2015, p.293). ‘mas o meu dia há-de chegar!... A minha vez...” (ROSA, 2015, p. 298); O preço que estava pagando pelos seus pecados era caro demais, “Pois o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna (ROMANOS, 6:23). Certamente, pesou muito sua restituição, que o levou para uma nova identidade.

Com os conselhos do Padre, Augusto inicia uma nova identidade, uma nova crença de redenção, trazendo consigo lembranças da sua infância, na qual continha princípios religiosos, rezas quando ainda era menino que fizera

relembrar sua avó, quem lhe ensinou tais coisas. Durante reflexões, sofrimentos, vem à tona o seu lado religioso que estava obscuro durante sua trajetória.

O homem que antes era mulherengo, valente, bebedor, agora vive uma vida de tristeza, sem maldades, sem mulheres, mas tenta não se lembrar de sua vida passada, pois agora estava em lugar que encontrou a paz para seu corpo e espírito. Essa fase, se fez necessária para mostrar que Nhô Augusto obteve uma chance de se redimir, e não ter seu destino final como inferno, lugar designado para aqueles que cometem pecados, segundo afirmação da religião cristã.

Destacam-se no conto, as mudanças da natureza, os pássaros, a lua cheia, as chuvas. Tudo estava se tornando melhor, até mesmo sorrisos aparecem em Augusto, mostrando que seu estado e aspectos estavam melhores. Agora, sentindo-se bem consigo mesmo, tendo convicção que Deus estava ajudando e lembrando dele (ROSA, 2015 p. 298).

Teologicamente, o “sofrimento” é causado pela mudança de comportamento e atitude do ser humano, atribuindo como o homem vê a vida e o mundo, o que acontece quando a estrutura do homem é abalada. Com Augusto, seu sofrimento o abalou completamente, fazendo com que desestruturasse de maneira que a conversão como meio de se libertar do sofrimento quanto do pecado.

6.1 CADA UM TEM A HORA DA TENTAÇÃO

A tentação, geralmente é quando atinge a fraqueza do ser humano, com Nhô Augusto, seu tentador, acontece com a chegada do bando de Joãozinho Bem-Bem, violento cangaceiro, temido pelos seus conhecidos. Augusto é atraído pela encantação das armas que tanto usara no passado. Os homens do bando traziam “carabinas, novinhas quase; garruchas, de um e de dois canos; revólveres de boas marcas; facas, punhais, quicés de cabos esculpidos; porretes e facões ...” (ROSA, 2015, p.299).

Com a tentação feita por Joãozinho, Augusto não resistiu:

— Não faz conta de balas, amigo? Isto é arma que cursa longe...
— Pode gastar as oito. Experimenta naquele pássaro ali, na pitangueira...
— Deixa a criaçãozinha de Deus. Vou ver só se corto o galho... Se errar, vocês não reparem, porque faz tempo que eu não puxo dedo em gatilho...
Fez fogo (ROSA, 2015, p. 303).

Nhô Augusto sabia do que era capaz de fazer com uma arma, mas mesmo ficando triste, não se deixa levar pela emoção. A tentação é notável justamente na hora em que estava havendo um processo de remissão, testando um autocontrole sobre suas vontades, submetendo-se um firmamento com o seu propósito, sendo o mesmo, de decisão pelo caminho que julgou bem.

6.2 CADA UM TEM A SUA HORA DE DECISÃO

Uma luta interior ocorre com um convite recebido por Joãozinho, a voltar ser o que era antes, pois sabia que lá no fundo ainda era um jagunço e sabia comportar como tal. O lado religioso dele ajuda a controlar o desejo da violência. Agora é observada a mudança, sem a necessidade de fugir dos seus velhos hábitos.

A decisão não era muito fácil, além disso, propostas de Joãozinho não faltaram, mas ele conseguiu rejeitar: “— Ah, não posso! Não me tenta, que eu não posso, seu Joãozinho Bem-Bem...” (ROSA, 2015, p.304). Para ele, o seu passado poderia estar muito pronto para que ocorresse a quebra de uma decisão.

O convite de seu Joãozinho Bem-Bem, isso, tinha de dizer, é que era cachaça em copo grande! Ah, que vontade de aceitar e ir também... E o oferecimento? Era só falar! Era só bulir com a boca, que seu Joãozinho Bem-Bem, e o Tim, e o Juruminho, e o Epifânio — e todos — rebentavam com o Major Consilva, com o Ovídio, com a mulher,

com todo-mundo que tivesse tido mão ou fala na sua desgarração.
(ROSA, 2015, p. 305).

Mesmo sendo dificultosa essa decisão, ele entendeu que o jeito como estava pagando sua penitência, e o fato de estar andando com a religião, e de querer tirar sua alma do inferno, era um processo muito difícil, porém não impossível. Entende-se então, que toda decisão nem sempre é fácil da forma que o ser humano quer.

Pedro, por exemplo, tomou uma decisão muito errada quando negou Jesus (LUCAS, 22.54-71). Ele tinha outras opções, porém, naquele momento o melhor era negar o mestre. Após tal ato, o arrependimento chegou, com ele o choro e o lamento também. Pode-se relacionar decisão com um pedido de socorro: “Livra-me de todas as minhas transgressões; não faças de mim um objeto de zombaria dos tolos” (SALMOS, 38.9). Cada um tem sua hora de decisão.

6.3 CADA UM TEM SUA HORA DE REDENÇÃO

A palavra *salvação* tem como significado, “ser tirado de perigo”, “livrar-se”, “escapar”, etc., expressões empregadas para definir a experiência transformadora do encontro de Deus com o homem. A tradução da palavra grega *soterion*, traz um significado de “tornar ao estado perfeito”, ou “restaurar o que a queda causou”.

A hora de redenção de Nhô Augusto acontece passando do mal ao bem, da perdição à salvação. Percebe-se a dualidade entre o bem e o mal, podendo associar-se o ditado: “Deus escreve certo por linhas tortas”, sendo que quando Joãozinho permite a morte gloriosa e salvadora de Matraga.

Por muitas vezes, a tentação tentava chegar antes que a redenção:

— Não se ofenda, mano velho, deixe eu dizer: eu havia de gostar, se o senhor quisesse vir comigo, para o norte... Já lhe falei e torno a falar: é convite como nunca fiz a outro, e o senhor não vai se arrepender! Olha: as armas do Juruminho estão aí, querendo dono novo...(ROSA, 2015, p. 313).

Porém, o poder da mensagem que por muitos cristãos é considerada como eficaz, cravou no coração de Augusto o desejo da redenção, “— Não posso, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem!... Depois de tantos anos... Fico muito agradecido, mas não posso, não me fale nisso mais...” (ROSA, 2015, p. 313). Desta forma, ele reconhece qual o caminho deveria seguir, observando sua recuperação e o temor de errar.

6.4 CADA UM TEM A SUA HORA DE MORRER

Os dois personagens principais, Nhô Augusto e Joãozinho Bem-Bem, mantêm uma representação das ordens do interior do ser humano, o bem e o mal, tendo por certa a valorização dessas duas ordens, e apresentando que o homem pode realizar a sua escolha de qual caminho quer seguir. A última conversa acontece entre um duelo, tendo como resultado a morte de Nhô Augusto e Joãozinho Bem-Bem. Morrem como irmãos e Joãozinho dizendo:

— Estou no quase, mano velho... Morro, mas morro na faca do homem mais maneiro de junta e de mais coragem que eu já conheci!... Eu sempre lhe disse quem era bom mesmo, mano velho... É só assim que gente como eu tem licença de morrer... Quero acabar sendo amigos... (ROSA, 2015, p. 316).

Subtende-se que Augusto entendia, segundo as escrituras, os ensinamentos de sua avó e logo do casal de ermitões, de como fazia para herdar a redenção, perdão, paz, harmonia: “— Feito, meu parente, seu Joãozinho Bem-Bem. Mas, agora, se arrepende dos pecados, e morre logo como um cristão, que é pra gente poder ir junto...” (ROSA, 2015, p. 316).

Devido à luta e aos embates entre os personagens principais, com um ferindo ao outro, o que deveriam fazer agora, era esperar agora era a morte, os dois já estavam rendendo-se à mesma. “Então, Augusto Matraga fechou um pouco os olhos, com sorriso intenso nos lábios lambuzados de sangue, e de seu rosto subia um sério contentamento.” (ROSA, 2015, p. 317). Ainda, “olhou,

procurando João Lomba, e disse, agora sussurrado, sumido: ‘— Põe a benção na minha filha... seja lá onde for que ela esteja... E, Dionora... Fala com a Dionora que está tudo em ordem!’, “Depois, morreu” (ROSA, 2015, p. 317).

7 A HORA E A VEZ DE MATRAGA

Segundo Galvão (1978), “Matraga” aparece somente duas vezes no conto, no início e no fim. Esse nome, pode significar porrete, arma de fogo. É possível também comparar com as figuras das “maitacas” presentes nas paisagens em que Augusto passa. Essas mudanças de nomes são muito presentes na Bíblia: Abrão para Abraão, quando Deus aparece para ele; Sarai para Sarah; Saulo torna-se Paulo após sua conversão; Simão que se torna Cefas, entre outros.

Dessa forma, é importante destacar que esse conto se relaciona e se assemelha com várias passagens da Bíblia, como, por exemplo, a conversão de Saulo de Tarso. Saulo, um soldado Romano convicto, que promovia matanças em sua cidade e cidade circunvizinha, ateava fogo em casas e colocava em presídios homens e mulheres por causa da sua fé em um homem intitulado Cristo, filho de Deus.

Para a Teologia cristã, a conversão de um pecador é um grande desafio, pois possui enorme teor fictício em desvendar mistérios, mitos, o que contribui para explicar a existência interdisciplinar entre paralelos da teologia e da literatura, dialogando com diversos temas. Sendo assim, o conto tem uma razão alógica e mágica, tratando aos seres em disponibilidade de aventura.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tem como finalidade analisar o diálogo entre literatura e teologia no último conto do livro Sagarana, “A hora e a vez de Augusto Matraga”. Procurou-se apresentar uma temática da religião contextualizando a

visão teocêntrica e literária, ou seja, apresentar a relação de um diálogo entre os textos bíblicos e os literários.

É notória a utilização de saberes bíblicos na obra “A hora e a vez de Augusto Matraga”, e que desenvolve conflitos e reações que o ser humano possui, tendo em sua vida sofrimento, o que causa mudança nas perspectivas, conceitos e atitudes do ser humano.

Isso acontece na narrativa, quando Rosa apresenta Augusto Esteves com uma mudança de comportamento, após uma série de sofrimentos, causados por ele mesmo, por ter uma vida “errada”. Quando o homem violento, mulherengo, rico, perde tudo, volta-se a Deus, a fim de escrever uma nova história, ou retomar um novo sentido para vida.

O que vai importar, nesse possível diálogo, é a possibilidade de ver o homem a partir de suas lutas, suas escolhas e temores próximo ao transcendente, ou seja, indo além dos seus limites, sob um aspecto que une Deus, o homem e o mundo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Claudinor C. **Teologia da educação cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 2002.

ALMEIDA, Marcos O. N. **Teologia para quê?** Rio de Janeiro: Mauad/Mysterium, 2007.

Bíblia Sagrada, BKJ 1611 Copyright 2015 by BV Books, um grupo da BV Films, Editora Eireli.

CHAGAS, José Roberto O. Curso de Capacitação Teológica. **Introdução aos detalhes teológicos**. Rio de Janeiro: Kenosis, 3.ed. 2014.

GARCIA, Gilberto. **O direito nosso de cada dia**. São Paulo: Vida, 2003.

GUIZZO, Antonio Rediver. A complexidade do imaginário de A hora e a vez de Augusto Matraga de João Guimarães Rosa: o herói que foi pro céu a porrete. **Nonada: Letras em Revista**. v. 2, n. 29, Porto Alegre, p. 54-75, 2017.

PEREIRA, João Batista. Religião e Violência em *A hora e a vez de Augusto Matraga*. **Revista da Anapoll**. Florianópolis, p. 128-137, 2016. Disponível em: 947 – Texto do Artigo-3821-1-10-20121228.pdf. Acesso em: 13 set. 2021.

ROSA, João Guimarães. **Sagarana**: Coleção 50 anos. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira Participações S.A., 2015.

SILVA, Núbia de Souza. **A representação da religiosidade no conto “A hora e a vez de Augusto Matraga” de Guimarães Rosa**. Curso de Letras do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente da Universidade Federal do Amazonas. TCC-Letras-2012-Arquivo.014.pdf. Disponível em: <https://edoc.ufam.edu.br/bitstream/123456789/2561/39/TCC-Letras-2012-Arquivo.014.pdf>. Acesso em: 22 set. 2021.